

Presidencialismo e revolução

11.7.46

Raul Pilla

(Para os Diários Associados)

Pela própria imperfeição e rigidez do seu mecanismo, é o regime presidencial incomparável fator de revoluções. A tese tem sido grandemente corroborada pela experiência de todos os povos ibero-americanos e foi demonstrada, com proficiência, por Maurício de Medeiros, no seu profético livro "Outras revoluções virão".

Que respondem a isto os abencerragens do presidencialismo entre nós? Que em países de regime parlamentar, como a Itália, a Alemanha, a Espanha e Portugal, também houve ditaduras e revoluções e que, portanto, a este regime se deveriam elas, também, atribuir.

Nada há mais expressivo do que este argumento, para demonstrar a superficialidade do pensamento e a carência de lógica de quantos teimam em defender um regime político condenado tanto pela boa doutrina, como pela experiência.

São as revoluções, com efeito, fenômenos que podem ter as mais variadas causas: políticas, religiosas, econômicas, etc. Quando dizemos que o sistema presidencial as favorece, consignamos unicamente uma causa de ordem política, mas nem por sombra excluímos a intervenção de outros fatores. E o que a observação demonstra é que raramente uma única causa determina uma revolução. E' em geral a concorrência de varias causas o que a provoca, e os povos equilibrados só apelam para o recurso extremo, quando incomportável se tornou a situação.

Explica isto se possam produzir as revoluções em qualquer regime político, embora uns lhes sejam mais propícios do que outros; e explica também que, contrariamente ao que se tem verificado nos demais países presidencialistas, não se hajam elas repetido nos Estados Unidos.

Merece este caso mais atenta consideração. Cumpré notar, primeiramente, que o regime vigente na grande república setentrional difere muito do realizado pelos seus imitadores. Pode dizer-se que, graças à vitalidade

que all conseguiu conservar o parlamento e ao importante papel político desempenhado pela Suprema Corte, o regime norte-americano é muito menos presidencial que o das demais repúblicas do Continente. Em segundo lugar, a feliz circunstância de se haverem formado all dois poderosos partidos tão bem equilibrados em suas forças, que frequentemente se revezam no poder, anulou a necessidade de revoluções.

Assim, nem o caso dos Estados Unidos, onde rão tem havido revoluções ou ditaduras ostensivas, nem o caso dos países parlamentares, onde se verificaram ditaduras e revoluções, infirmam a nossa tese. Infirmá-la, se ela fosse que o sistema presidencial é a causa única, específica das revoluções. Mas o que sustentamos e se acha comprovado pelos fatos é que o presidencialismo favorece as revoluções e constitui uma das suas causas de natureza política.

Não será, porem, mera coincidência, esta das revoluções, com o sistema presidencial na América Latina? Não serão elas determinadas por outros fatores, que não o regime político? Não se estará incluindo aqui no conhecido erro consistente em inferir, de uma simples concomitância, uma relação de causa e efeito? Não, afirmamo-lo com toda segurança. Não, porque a análise logo nos revela a natureza da relação. Irrompem as revoluções, quando falham os meios legais. A não ser certos agrupamentos de tendências anti-sociais, ninguém faz revolução por prazer. Ora, que tem sido o nosso regime político? A ditadura do presidente da Republica. A sua vontade é quem rege soberanamente os destinos do País. Diante do seu poder, desaparecem os demais poderes. "Sua Majestade o Presidente" é o tratamento dado aos chefes das repúblicas latino-americanas por um conhecido publicista britânico. Submeter-se ou rebelar-se, tal o dilema que se apresenta à Nação. E menos mal vão as coisas quando ainda lhe restam forças para rebelar-se.

Não há, pois, quem de boa fé e espírito esclarecido possa negar o nexo causal existente entre os repetidos motins e revoluções verificados em nosso País desde a proclamação da Republica, e o malfadado sistema presidencial que com a Republica adotamos. E não há, também, quem duvidar possa de que "outras revoluções virão", se mantivermos o mesmo regime, tanto mais quanto, às causas propriamente políticas que eis consubstancia, se vêm juntar agora as apremiantes dificuldades de ordem econômica, financeira, social moral, que nos legou a Ditadura.